

CHATGPT: a questão da autoria, da academia à educação básica

Fádia Cristina Monteiro de O. Silva¹
Fernanda Minghetti Weisheimer²
Katia Cristina Schuhmann Zilio³
Solange M. Leda Gallo⁴

RESUMO

Este artigo propõe-se a uma introdução acerca da materialidade digital chamada *Chat GPT* e uma breve reflexão sobre o uso e os efeitos causados por essa ferramenta digital para as produções textuais acadêmicas e/ou escolares. Os debates ocorridos nos últimos meses no mundo acadêmico, na mídia e nas redes sociais têm gerado preocupações a respeito de possíveis reflexos negativos nas produções acadêmicas e escolares, tais como: a possibilidade de plágio, ausência de autoria no texto, má-utilização de arquivos de dados e pouca criatividade para produções textuais. Essas questões mobilizam a relevância dos profissionais da educação refletirem maneiras de utilizar essa ferramenta de forma eficiente desenvolvendo a escrita significativamente, e não apenas de modo a reproduzir a prática de copiar e colar. O referencial teórico está amparado na corrente da Análise de Discurso de Linha Francesa com o teórico francês Michel Pêcheux (1988), bem como estudiosos brasileiros que também se debruçam sobre esta abordagem, dentre eles Orlandi (2015), Indursky (2011), Gallo (2008, 2012) e Pequeno (2019). Esse aporte teórico possibilita compreender um pouco sobre o Chat e pensar o seu impacto nas instituições que promovem ou tentam promover a autoria.

Palavras-chave: Educação, Chat GPT, Produção Textual, Análise de Discurso.

INTRODUÇÃO

O *ChatGPT* é uma ferramenta de produção de texto através da inteligência artificial lançada no final de 2022. E, como toda tecnologia, traz como proposta ser uma ferramenta inovadora e que pode revolucionar as relações humanas, o processo de ensino-aprendizagem e o mercado de trabalho como um todo, pois pode provocar mudanças significativas nas relações sociais, nas práticas laborais e educacionais, algo que está gerando certa preocupação na população acadêmica/escolar.

Tem-se visto nos últimos meses, desde o anúncio do *ChatGPT3*, um grande alvoroço no mundo acadêmico quanto à influência, viabilidade, legitimação e até mesmo da interferência dessa ferramenta nas produções textuais acadêmicas/escolares. Há quem tenha apresentado

¹ Doutoranda em Ciências da Linguagem pela Universidade do Sul de Santa Catarina (UNISUL), fadia-cris@hotmail.com;

² Mestranda em Ciências da Linguagem pela Universidade do Sul de Santa Catarina (UNISUL), fernandaminghetti@gmail.com;

³ Doutora em Ciências da Linguagem, Linguagem pela Universidade do Sul de Santa Catarina (UNISUL), kacriszilio@gmail.com;

⁴ Professor Orientador: Pós-doutorado pela Universidade Estadual de Campinas, solangeledagallo@gmail.com

críticas acerca de que essa ferramenta gerará a produção e circulação de textos pouco coerentes e/ou significativos discursivamente, sem respeito às instituições que se mantiveram no lugar de status social e, portanto, de legitimação. Sobre esse aspecto, é importante lembrar que a educação sempre se constituiu amparada em instituições já legitimadas socialmente e as quais foram se constituindo em suas práticas ideológicas, históricas e sociais ao longo dos séculos (Althusser, 1985).

Esse texto assume, a partir dos pressupostos da AD, que não há sentido, mas efeito de sentido; que não há autor, mas efeito-autor; e com relação ao enunciado e ao texto, pode-se considerar que o sujeito se inscreve em uma discursividade e nela produz o que lhe parece ter-se originado nele. Entendemos por discursividade o processo que considera “como em seu funcionamento um texto produz sentido” (Orlandi, 2010, p. 16).

De outro lado, há quem veja esta como uma ferramenta que possibilitará a agilidade no trabalho, nas produções da escrita, uma vez que a ferramenta propõe a constituição de sentenças numa grande rapidez, possibilitando assim que o pesquisador/professor/estudante possa realizar outras tarefas, ou seja, levando a uma maior produtividade, veem-se, nesse contexto, as questões mercadológicas na demanda laboral, e isso viabiliza mão de obra mais barata e a exploração acentuada do sujeito social.

Isso implica refletir as condições de produção que, de acordo com Orlandi (2015), regulam as forças da linguagem, do sujeito e da situação. As condições de produção dizem respeito, então, à situação e ao sujeito (p. 30). São elas que amparam os dizeres do sujeito que não é máquina, não tem memória para uma produção de sentido em massa, mas sim está sujeito às condições a que tem acesso.

Não podemos esquecer que a presença das tecnologias digitais se deu gradativamente nas mais diversas esferas da sociedade em atividades cotidianas, desde localização de pessoas, tecnologias em segurança, serviços em atendimento a clientes, transporte por aplicativos, navegação em redes sociais, transações bancárias, dentre outros, todos estes formatos de uso da tecnologia reforçam que não é necessário um grande esforço para a identificarmos ao nosso redor ou para verificarmos a realização de alguma atividade com a colaboração dela nas práticas sociais.

Ressalta-se que as práticas de utilização da tecnologia se deram com a presença de Inteligência Artificial a qual foi se embrenhando em práticas cotidianas, pode-se dizer até que sutilmente foi ganhando espaço de forma tal que não conseguimos perceber sua ausência. Essa presentificação das tecnologias se expandiu tanto que chegou aos espaços escolares, em produções textuais e languageiras, e nos espaços enunciativos informatizados a partir de um

grande movimento de circulação, acesso em multiplataformas, banco de dados com infinitas possibilidades de processamento de linguagem.

De acordo com John McCarthy⁵, a IA é “a ciência e engenharia de produzir sistemas inteligentes sendo, portanto, um ramo das ciências da computação que busca construir mecanismos, físicos ou digitais, que simulem a capacidade humana de pensar e de tomar decisões”.

Assim, tendo em vista esta gama de possibilidades, e o quão preocupante tem sido a construção de textos com o emprego da IA levando alguns teóricos a afirmarem que a IA receba o status de co-autor, e/ou autora de textos, uma vez que poderia produzir artigos em co-participação/co-autoria⁶ serão analisados alguns aspectos enquanto analistas do discurso.

É importante esclarecer **três pontos** enquanto analistas de discurso: primeiro: o que se refere à **construção do texto** segundo o *ChatGPT*. Num segundo ponto, trata-se da **autoria** e um terceiro se refere ao **sujeito e sua posição** enquanto constituição discursiva. Estas questões serão aqui tratadas lembrando que segundo a AD de linha francesa, para constituir-se como sujeito há a necessidade de compreender as condições de produção, os processos constitutivos do discurso e do sujeito e os atravessamentos a que todo discurso está imbricado.

ALGUMAS NUANCES

Muito embora as pessoas acreditem que a tecnologia digital, amparada na IA chamada *ChatGPT*, seja capaz de “produzir textos” sabemos que é a sua programação que assim possibilita a tarefa, pois se sabe que não há uma compreensão do que está sendo escrito ou o significado do que está apresentado em uma sentença, em um enunciado. Enquanto materialidade dita em um determinado tempo e espaço seu conhecimento é meramente “depositado” por um programador, como uma colcha de retalhos, com muitas e variadas sentenças relacionadas a sintagmas apresentados pelo interlocutor, mas sem qualquer sentido subjetivo e/ou metafórico, pois essa é uma condição humana.

Outro ponto relevante a se destacar é que para a construção das sentenças na IA houve um período em que o programador “alimentou” o banco de dados, inserindo informações,

⁵ Cientista da computação estadunidense. Conhecido pelos estudos no campo da inteligência artificial e por ser o criador da linguagem de programação Lisp. Recebeu o Prêmio Turing de 1972 e a Medalha Nacional de Ciências dos Estados Unidos de 1991.

⁶ Exemplo do texto: Pânico na academia! Inteligência Artificial na construção de textos científicos com uso do ChatGPT, por Salomão Alencar de Farias em seu artigo publicado em RIMAR, Maringá, v.13, n. 1, p. 79-83, Jan/Jun. 2023.

sentenças, enunciados, constituindo-se assim o que podemos chamar de banco de dados, ou melhor dizendo, uma colcha de retalhos informacionais, comunicacionais.

Assim, como outrora Foucault (1969) afirmou “que o **autor** é um ponto organizador em certos textos”, da mesma forma percebemos essa necessidade nas construções do *ChatGPT*, do sujeito ao ler a produção escrita ter que organizar as sentenças, selecionando o que achar mais relevante e descartando o que considerar desnecessário e/ou prolixo. Nesta prática, vê-se o movimento daquilo que para a AD é ponto relevante quando da apresentação de um enunciado discursivizado em que o sujeito ao se constituir como tal de acordo com as condições de produção.

Importante destacar ainda que o sujeito para ter o papel de autor ao ser interpelado no processo que demanda a linguagem se subsidiará de elementos que compõem a linguagem, pois como afirma Gallo (2023, p. 3) “todo sujeito deixa de ser indivíduo na medida em que adentra a linguagem, tomando uma posição que torna esse indivíduo, um sujeito, sujeito à língua, que **se responsabiliza pelo que diz** e procura dar unidade ao seu dizer”.

Nesse processo, são validados os dizeres dos sujeitos, na medida em que ao ser interpelado discursivamente ele faz escolhas enunciativas e para tanto organiza, seleciona e produz seu dizer discursivo, ao dar unidade ao seu dizer ele se responsabiliza, sendo esta a **função-autor** que o caracteriza.

É possível dizer que o sujeito pode assumir duplo papel, o de efeito-autor e função-autor, pois para sua formulação e criação ele se apropria daquilo que o constitui como sujeito, tendo em vista as posições-sujeito que lhes são constituídas ideologicamente, nesse processo ele fará escolhas para sua “criação” enunciativo-discursiva todavia, com as produções feitas pela ferramenta do *ChatGPT* esse processo de constituição discursiva não ocorre, o que se dá é a busca daquilo que já está depositado no banco de dados, o que evidencia que na máquina se perde as condições de produção.

Neste ponto, destacamos a importância do contexto e das condições de produção na compreensão dos discursos. Como Orlandi (2020, p 28) menciona: Podemos considerar as condições de produção em sentido estrito e temos as circunstâncias da enunciação: é o contexto imediato. E, se as considerarmos em sentido amplo, as condições de produção incluem o contexto sócio-histórico, ideológico.

No caso dos textos gerados pela IA, o contexto em que são produzidos e as intenções por trás de sua circulação são opacizados, de modo que a disseminação massiva de conteúdos pode facilitar a propagação da manipulação da opinião social, além de gerar conteúdos que são mera cópia de palavras colocadas em um texto, sem trazer nada de novo. Algoritmos podem

ser programados para promover determinadas ideias, influenciando a percepção e o pensamento das pessoas, sendo, portanto, incapazes de produzirem discursos e nem função-autor, apenas efeito- autor.

O que se vê é que não há um processo ideológico, como sempre ocorreu com as produções escritas, mas a perda dos elementos que constituem o sujeito em sua essência e criação autoral, a criatividade, a subjetividade em seus discursos, as possibilidades discursivas que permeiam sujeitos e sociedade. Para Pêcheux, o sujeito não está na origem do dizer, pois é duplamente afetado – pessoal e socialmente, quando inconscientemente em sua constituição social é interpelado pela ideologia, e no laço entre inconsciente e ideologia o sujeito da AD se constitui, é sob o efeito dessa articulação que produz seu discurso (ORLANDI, 2015).

DA ANÁLISE

Com a disseminação acelerada de plataformas digitais e o desenvolvimento de algoritmos cada vez mais sofisticados, a produção e circulação de textos gerados pela IA tem se tornado uma realidade cada vez mais presente. Nesse contexto, a Análise de Discurso pecheuxtiana surge como uma ferramenta valiosa para compreender os impactos desses textos na sociedade.

A fim de analisar estas questões de maneira mais efetiva, trataremos como objeto de observação o início do artigo de o autor de Farias, (p. 3-4, 2023) em que deixa claro que as construções ali apresentadas por ele são oriundas da produção do *chatGPT* e assim é possível ver nos parágrafos a seguir como tratam de marketing digital e *fake news*.

Para combater os atos antidemocráticos e a disseminação de notícias falsas, é importante que os cidadãos estejam informados e educados sobre o processo democrático e as táticas usadas para desestabilizá-lo. Além disso, é importante que as autoridades e os meios de comunicação tomem medidas para combater a desinformação e garantir a transparência e a integridade do processo democrático. A Suprema Corte brasileira agiu de modo rápido, em especial no segundo turno das eleições de 2022, em um esforço de conter a desinformação. Alegações de censura e amordaçamento da liberdade de expressão foram argumentos utilizados por indivíduos que espalharam desinformação e notícias falsas.

O marketing tem um papel crucial na formação da opinião pública e na influência da tomada de decisão, o que o torna um fator importante na preservação e proteção da democracia. No entanto, em situações em que a democracia está em risco, o marketing também pode ser usado para manipular a opinião pública e espalhar informações falsas, prejudicando os processos democráticos. O marketing no contexto político pode ser usado para informar os cidadãos sobre candidatos políticos e tópicos de campanha, promovendo a tomada de decisão informada e o engajamento cívico. Isso pode incluir campanhas publicitárias que destacam as qualificações e posições políticas de um candidato, bem como esforços de relações públicas que visam educar os cidadãos sobre questões importantes e o processo democrático. Ao fornecer aos cidadãos informações precisas e imparciais, o marketing político pode ajudar a promover uma democracia saudável e funcional.

Em situações em que a democracia está em risco, é importante que os profissionais de marketing político usem suas habilidades e recursos de forma ética e responsável. Isso inclui ser transparente sobre a fonte de informação, garantir que as informações sejam precisas e imparciais e estar ciente das consequências potenciais de suas ações. Além disso, é importante que os profissionais de marketing trabalhem em estreita colaboração com os formuladores de políticas, mídia e outros *stakeholders* para promover a integridade do processo democrático.

Em resumo, o marketing tem um papel importante a desempenhar no fortalecimento da democracia no Brasil, mas é importante que os profissionais de marketing usem suas habilidades e recursos de forma ética e responsável, e trabalhem em estreita colaboração com os formuladores de políticas, mídia e outros *stakeholders* para promover a integridade do processo democrático.

É possível observar na escrita acima a retomada de ideias, com argumentos de reforço, em alguns momentos a repetição de ideias e parágrafos com informações que poderiam ser mais objetivas as quais evidenciam uma prática em que o sujeito não pensa e não produz de modo articulado. O que deixa claro que quando um leitor se depara com um texto em situação de alguma falha, quebra na sequência, e/ou prolixidade ele se vê na condição de corrigir, depreender sentidos e a partir de seu conhecimento questionar e/ou alterar aquilo que produz.

Essa prática demonstra uma grande diferença entre a inteligência artificial e a humana, pois a primeira apenas reproduz aquilo que foi apresentado em seus bancos de dados, o que foi treinado e, assim, conforme o comando/mensagem apresentada na solicitação do sujeito ao chat, a IA faz a seleção dos enunciados e reproduz conforme as informações que se relacionarem com aquele interlocutor na conversa individualizada. Já a atividade de produção de enunciados pelo ser humano não ocorre nessa mesma direção.

Destaca-se aqui que estes enunciados reproduzidos no chat pela IA são originários das sentenças do programador durante o período do treinamento da ferramenta no banco de dados do chat, em que por determinado período o programador foi “abastecendo” o banco de dados da IA de modo a fornecer “respostas” quando na interação com os sujeitos conforme as demandas a ela apresentadas. Ficando claro portanto, que para o “abastecimento” do banco de dados foi necessária a interferência humana.

Como afirma Boa Sorte (*et al.*), (2021, p. 9)

O que o programa faz é produzir conteúdo com base em seu sentido sintático, e não semântico. Ainda que se criem textos, diálogos ou mesmo capítulos de livros seguindo normas gramaticais padronizadas, o algoritmo não terá a interpretação subjetiva.

Benzon (2020), afirma que “as máquinas aprendem a nossa linguagem somente da forma como nós a passamos para elas”. Diferentemente da inteligência humana, esses sistemas não têm a capacidade de compreender o funcionamento do mundo, as relações humanas, as

interpretações possíveis a partir de elementos culturais, históricos e sociais que perpassam e constituem um discurso.

Farias (2023) em seu artigo afirma que

a IA não substitui a escrita acadêmica humana. O acadêmico ainda é responsável pela veracidade dos dados e pela originalidade do conteúdo. Além disso, é importante garantir que o uso da IA seja ético e responsável, evitando a manipulação de dados ou a geração de conteúdo falso (FARIAS, 2023, p. 3).

O autor, destaca que “alguns no meio acadêmico estão em pânico” (*Id. Ib*, p. 2), mas destaca que o que é apresentado pelo *ChatGPT* precisou de suas contribuições, todavia, a questão do texto em coautoria da IA colocada pelo autor nos causa um estranhamento, pois enquanto pesquisadoras da Análise de Discurso, tendo em vista a noção de autoria esta parte de um processo de criação e que se utiliza de referências diversas, (livros, pesquisas, estudos, entrevistas, notícias, etc.) para sua construção textual, ou seja, é um processo que está respaldado em teorias e estudos daqueles que são reconhecidos e validados socialmente e que para sua construção textual, o sujeito correlaciona às suas impressões, intenções e memória discursiva.

Não podemos perder de vista que o *ChatGPT* está mediado por uma máquina que não pensa e não age, ela apenas simula uma resposta, uma construção enunciativa a partir dos dados depositados em seus bancos de dados. Assim como em outra época se pensou que a escrita era uma “tentativa” da representação da fala, é possível dizer que atualmente as produções no *ChatGPT* possam ser uma representação da escrita humana, ou seja, de textos feitos por sujeitos discursivos (Pequeno, 2019). A escrita desde sua origem sempre objetivou possibilitar a fruição intelectual, subjetiva, histórica, social e ideológica, potencializando a criatividade e as práticas dos seus criadores. Em contrapartida, o Chat enquanto repetidor de enunciados/sentenças **descaracteriza** o ideológico, histórico e social dos sujeitos ao não se identificar no processo criativo.

Entretanto, há de se compreender que a escrita é uma materialidade técnica a qual demanda adequações às normas específicas dessa materialidade enquanto as produções do *ChatGPT* são representações da escrita na materialidade digital e que, portanto, materialidades distintas levam a comportamentos discursivos próprios e adversos.

POSSÍVEL ILUSÃO

Não podemos nos deixar enganar com a ilusão de que as IA's podem levar à agilidade das produções, uma vez que geram a falsa impressão de que está “colaborando” com o processo de criação/produção textual dos estudantes e/ou professores, pois estas ferramentas não têm a “boa intenção” em ajudar o sujeito, muito pelo contrário, o que as empresas querem criando e divulgando estas ferramentas têm o único e exclusivo interesse mercadológico, de manipulação de dados, de controle das ações dos sujeitos, tirando destes o papel que demoraram tanto para ter, de criadores de suas próprias produções, tendo em vista o histórico do conhecimento e escrita está centralizado nas mãos de um pequeno grupo e/ou de instituições sociais.

Percebemos que a padronização e a falta de singularidade nos textos gerados pela IA levam a uma homogeneização discursiva, reforçando a diferença das classes e dando mais credibilidade aos "discursos" produzidos pelas *big techs*, claramente pertencentes à classe dominante. Ademais, como Pequeno (20119, p. 151) aponta:

A primeira forma de ler a interface como texto é admitir que nela se inscreve uma certa memória, justamente o que produz no sujeito o efeito de *simplicidade* e *naturalidade* frente a um dispositivo que é, de fato, tão infinitamente complexo que ao primeiro contato pode parecer mágico.

Ao manipular dados, as IA's estão gradativamente manipulando os sujeitos, tirando deles a função-autor e dando a falsa impressão de que estes estão criando algo, ou seja, dando apenas um efeito de autor, com isso, perdem legitimidade, identidade e autoria. Muito embora as redes sociais e as plataformas digitais deem a impressão de veracidade e autenticidade ao que está circulando nas redes, é importante mostrar que nesse espaço enunciativo informatizado há uma falsa realidade, ou melhor, um achatamento da realidade do conhecimento especializado pois o mais popular.

O que está sendo mais acessado nas redes nem sempre é o mais correto, na maioria das vezes não é, tendo em vista que são repassados dados superficiais/genéricos, ou ainda a opinião de pessoas de modo aleatório não condizente com a verdade sendo apenas a expressão individual de uma opinião sem qualquer parâmetro, científico, histórico, político ou ideológico, não trazendo qualquer referência e que portanto é necessário o conhecimento/aprendizagem real a partir da leitura, pesquisa de livros, levantamento de dados.

Além dessas questões, a circulação na materialidade digital também se caracteriza pela velocidade e fluidez das informações. Os textos gerados pela IA contribuem para essa dinâmica, uma vez que são produzidos em grande quantidade e com rapidez. A rapidez com que são produzidos e disseminados muitas vezes dificulta a reflexão crítica e a análise aprofundada, o

que pode resultar em uma superficialidade na compreensão e interpretação dos conteúdos. De igual modo, ao pensarmos no texto como discurso - ou seja, em seu funcionamento social - em uma perspectiva materialista, precisamos pensar sobre as condições de produção em que estes textos são construídos.

Partindo daí destacamos o conceito de circulação, em que Gallo (2017, p. 431) afirma que a circulação no digital é a grande recompensa que se tem nessas redes uma vez que pela circulação pode-se levar o texto a milhões de leitores em um único dia. Para isso, há um preço a pagar: submeter o seu texto à normatização da rede em que ele circulará, ou seja, formulá-lo segundo essa normatização. Portanto, é necessário pensar: quais os efeitos de sentido que este texto sofre, sendo advindo de uma seleção de dados feita pela IA? Como será a utilização deste texto, em um mundo que pede por produção contínua?

Em um texto que passa a relação dialógica do discurso, - como é o caso do *ChatGPT* - temos a sensação de que estamos conversando com outra pessoa, mas na verdade não está - dá a sensação de um interlocutor, algo que na verdade não existe. Isso gera **efeitos de sentidos**, efeitos estes que influenciam na escrita das pessoas, principalmente de alunos que estão construindo seus textos.

Diante de todos esses impactos, a educação deve abordar não apenas o uso da tecnologia, não é apenas proibir o uso dessas ferramentas: mas a conscientização dos alunos através de abordagens contextualizadas que os engaje de forma a entender que o que o *ChatGPT* produz não é discurso, melhor dizendo, **não é linguagem no funcionamento social**, como o que aprendemos na escola, mas uma repetição de enunciados.

Destacamos que a IA pode ser uma ferramenta de busca de termos, significados, de ampliação de conceitos "estáticos" (papel esse que já vinha sendo desempenhado pelos buscadores) mas não de produção de algo que necessita do ser humano para a sua formação social como um todo. Como Freire (2011, p. 17) diz:

Nunca fui ingênuo apreciador da tecnologia: não a divinizo, de um lado, nem a diabolizo, de outro. Por isso mesmo sempre estive em paz para lidar com ela. Não tenho dúvida nenhuma do enorme potencial de estímulos e desafios à curiosidade que a tecnologia põe ao serviço das crianças e dos adolescentes das classes sociais chamadas desfavorecidas.

ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

Importante deixar claro que a máquina gera apenas um **efeito de sentido** e, conseqüentemente, o contexto digital, sozinho, não gera a autoria, mas a impressão de que o

texto, ao ser criado/escrito pela máquina não possibilita isso. Os bancos de dados das IA's reproduzem dizeres, mas não criam arquivos, somente reproduzem o que os bancos de dados já oferecem para a organização de textos.

Podemos dizer que a inteligência artificial na construção de textos destaca-se como uma mera grafia, distante do conceito de discurso sob a perspectiva da Análise de Discurso pecheuxtiana, enquanto a produção de um discurso humano envolve um conjunto complexo de práticas sociais, materialismo histórico, intenções comunicativas e a observação das condições de produção devido a luta de classes, a geração de texto pela IA tende a se limitar a uma reprodução algorítmica de padrões linguísticos pré-estabelecidos.

A produção de discurso é mais do que uma grafia, ela se constitui em uma tarefa humana que implica observar as condições de produção do texto, portanto não há produção de discursos na produção de um texto pela IA, mas temos de reconhecer que é uma ferramenta importante para discutir a produção de sentido como também de discurso mas destacando que as tarefas que envolvem a escrita pela IA geram um apagamento dos sentidos construídos nas e pelas condições de produção que todo sujeito é atravessado. Esses atravessamentos é que forjam dizeres, criações e discursos influenciados pelas posições sujeito, pela história, pelo contexto político-social que são esquecidas, por isso podemos dizer que não há autoria no texto do *ChatGPT*.

Diante dessas questões, vê-se a importância em refletir com profissionais da educação sobre o uso das IA's e não impedir seu uso sendo necessário provocar a reflexão no sentido de ser possível utilizar a IA como suporte para a criação/construção textual dos alunos.

Assim, entende-se a importância dos debates para trazerem à tona práticas mais autênticas, éticas e criativas de modo a entenderem este processo enquanto sujeitos interpelados socialmente, saindo de um papel de assujeitamento próprio das instâncias sociais passando a se constituir ideológica, política e socialmente.

Por essa razão, os educadores precisam compreender o funcionamento e os atravessamentos que implicam no funcionamento da IA de forma a minimizar seus impactos e entender que ela está presente na nossa vida e dos alunos. Ou seja, a única forma de lidar com ela em uma perspectiva positiva é através da mediação e incentivo das boas práticas de engajamento acerca da formação de um sujeito que reflita sobre o que escreve, fala, lê e produz.

REFERÊNCIAS

BENZON, W. GPT-3: Waterloo or rubicon? Here be Dragons. **Cognitive and Neuroscience**, ago. 2020. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/343444766_GPT-3_Waterloo_or_Rubicon_Here_be_Dragons.

BOA SORTE, Paulo. (et al.) 2021. Inteligência Artificial e Escrita Acadêmica: o que nos reserva o algoritmo GPT-3? Rev. **EntreLinguas**, Araraquara, v. 7, n.00, e021035, 2021. e-ISSN: 2447-3529. DOI: <https://doi.org/10.29051/el.v7i1.15352>

FARIAS. SALOMÃO ALENCAR DE. Pânico na academia! Inteligência Artificial na construção de textos científicos com uso do ChatGPT. **RIMAR**, Maringá, v.13, n. 1, p. 79-83, Jan/Jun. 2023.

FREIRE, Paulo. Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa. São Paulo - SP. **Paz e Terra**, 2011.

GALLO, Solange. Sobre a normatização vigilante dos discursos midiáticos. p.426-438. **Lavits**. ISSN 2175-9596. Santiago - Chile. 2017.

GALLO, Solange Leda. Autoria: questão enunciativa ou discursiva? **Revista Linguagem em (Dis) curso**. Volume 1, número 2, jan/jun. 2001.

_____. Como o texto se produz: uma perspectiva discursiva. Blumenau. **Nova Letra**, 2008.

_____. Novas fronteiras para a autoria. **Organon**. Porto Alegre, nº 53. Julho-dezembro 2012. p. 53-64.

INDURSKY, Freda. A memória na cena do discurso. (In) Memória e história na/da análise do discurso. MITTMANN, Solange. FERREIRA, Maria Cristina Leandro (organizadoras). Campinas, SP: **Mercado de Letras**, 2011. p. 67-89.

ORLANDI, Eni P. Análise de Discurso: princípios e procedimentos. 12ª edição, **Pontes Editores**, Campinas, SP. 2015.

_____. e LAGAZZI-RODRIGUES, Suzy. (Org). Introdução às Ciências da linguagem: discurso e textualidade. 2. ed. Campinas: **Pontes Editores**, 2010.



PEQUENO, Vitor. Tecnologia e esquecimento: uma crítica a representações universais de linguagem. 2019. 1 recurso online (229 p.). Tese (Doutorado) - Universidade Estadual de Campinas, **Instituto de Estudos da Linguagem**, Campinas, SP.